

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

Asociativismo y distinción de mujeres involucradas en deporte universitario.

Associativismo e distinção de mulheres engajadas no esporte universitário.

Eje 4: Deporte, cuerpo y género

Autoras

Jaco, Juliana Fagundes (Autora 1):

IFSP, Brasil, julianafef@gmail.com

Altmann, Helena (Autora 2):

Unicamp, Brasil, altmann@unicamp.br

Resumen:

O esporte universitário é um dos possíveis espaços para o acesso de mulheres a práticas esportivas. Em muitas Instituições de Ensino Superior, ele é organizado pelas Associações Atléticas Acadêmicas (Atléticas), que promovem uma diversidade de experiências com o esporte. Além disso, as mulheres que têm acesso a essa prática esportiva estão também inseridas em uma etapa de escolarização que outorga um título escolar para a inserção profissional. A pesquisa aqui apresentada é parte da tese de doutorado sobre o engajamento de mulheres no esporte universitário e traz um recorte em que se evidencia análises que abordam como o esporte universitário possível à certas mulheres promove um associativismo que as unifica e distingue. A metodologia da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com 16 mulheres egressas dos cursos de medicina e engenharia entre os anos de 2003 e 2015 e que estiveram engajadas como atletas e/ou gestoras no esporte universitário via Atléticas e Ligas Esportivas Estudantis de uma universidade de alta seletividade e em cursos de prestígio social. Os dados analisados demonstram que seus engajamentos com o esporte universitário têm relações com as trajetórias esportivas anteriores ao ensino superior e que possibilitaram que elas tivessem incorporado saberes que as

legitimavam e favoreciam no contexto esportivo da universidade. As características do grupo social ao qual pertencem as entrevistadas tornaram possível um amplo envolvimento esportivo desde a infância e que na universidade foi caracterizado como intenso e extenso e que as distingue enquanto esportistas, estudantes e profissionais.

Palabras clave: Esporte Universitário – Mulheres – Distinção - Associações Atléticas

Introdução:

As Atléticas são organizações estudantis com o objetivo da promoção da prática esportiva entre estudantes matriculados(as) em instituições de ensino superior (IES). Essas organizações fazem tanto a promoção do esporte universitário como também possibilitam a integração e promovem do convívio de estudantes através de eventos culturais, sociais e esportivos.

O esporte universitário organizado por Atléticas é um espaço possível para o engajamento de mulheres adultas em práticas esportivas e não somente para a prática e treinamento de diferentes modalidades, como também para a atuação na gestão do esporte, uma vez que, sobretudo nas IES públicas, essas organizações são geridas por estudantes de forma autônoma e voluntária. No entanto, as mulheres que têm acesso ao esporte universitário estão inseridas em uma etapa de escolarização que outorga um título escolar para a inserção profissional, o que traz peculiaridades para essa trajetória esportiva e a relaciona também com as trajetórias educacionais e profissionais de quem se envolve com ela.

A pesquisa aqui apresentada é parte da tese de doutorado sobre o engajamento de mulheres no esporte universitário e traz um recorte em que se evidenciam as análises que abordam como o esporte universitário possível à certas mulheres promove um associativismo que as unifica e distingue. A metodologia da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com 16 mulheres egressas dos cursos de medicina e engenharia entre os anos de 2003 e 2015 e que estiveram engajadas como atletas e/ou gestoras no esporte universitário via Atléticas e Ligas Esportivas Estudantis de uma universidade de alta seletividade e em cursos de prestígio social.

Para as análises dos dados partimos da perspectiva de que não falamos de Mulher enquanto categoria única e essencializada justamente por concordarmos que essa noção não dá conta da multiplicidade de mulheres e dos marcadores sociais que as atravessam e as constituem (Butler, 2010; Akotirene, 2020). Assim, ao falarmos sobre mulheres, as

compreendemos a partir do conceito de gênero¹ e de diversos outros marcadores sociais, para assim situa-las em determinado campo com o intuito de compreender como se dão as relações ali estabelecidas, nesse caso, no campo do Esporte, de modo a produzir elementos para superação das desigualdades ali presentes. Outro elemento norteador das análises foi a compreensão de que a distribuição desigual de capitais promove a distinção na ocupação de lugares (posições) nos diferentes campos, nesse caso o campo do esporte e, especificamente, o subcampo do esporte universitário (Bourdieu, 2015)

O engajamento com o esporte universitário

O engajamento com o esporte universitário das entrevistadas teve relações com as suas trajetórias esportivas anteriores ao ensino superior e as características do grupo social ao qual pertenciam tornaram possível que tivessem um amplo envolvimento esportivo engendrou o esporte como parte de seus *habitus* (Bourdieu, 2015). Isso porque grande parte dessas entrevistadas ingressam no ensino superior com experiências esportivas obtidas em atividades sistematizadas de ensino esportivo. Entre as 16 entrevistadas, 12 delas envolveram-se com prática esportiva em clubes e escolinhas de esporte durante a infância com o apoio e direcionamento dos familiares. Tal ação das famílias era focada na socialização, no desenvolvimento de um estilo de vida por essas meninas e não intencionando que elas se tornassem atletas profissionais, uma vez que a obtenção de títulos para a carreira profissional de prestígio foi o foco das prioridades familiares.

Durante a graduação, o engajamento esportivo delas foi intenso e extenso, uma vez que envolvimento com o esporte perpassou grande parte dos seus anos de graduação. Das 16 mulheres entrevistadas, 12 se envolveram com o esporte universitário por mais de 4 anos da graduação. Além disso, semanalmente, elas dedicavam em média mais de 4h para atividades de treinamento esportivo e/ou gestão.

As experiências prévias das entrevistadas com esporte promoveu vantagens para que fossem acolhidas nas Atléticas e Ligas e assim se envolvesse com as atividades ligadas ao esporte universitário. Isso se deu não por conta de um talento esportivo inato, mas por elas deterem os saberes esportivos adquiridos nas experiências anteriores à universidade e os

¹ Gênero, aqui nesse estudo, é compreendido enquanto um marcador social das diferenças. Um marco do movimento feminista nos estudos sobre mulheres e que rompe com a lógica naturalizante para a explicação da constituição da identidade dos sujeitos. Gênero rompe com a lógica que situa os indivíduos enquanto homens e mulheres determinados por uma natureza sexual binária pré-discursiva. Uma vez que, como afirma Butler (2010), não seria o sexo algo natural, anterior à cultura, sendo a própria compreensão de sexo um constructo cultural.

capitais sociais, simbólicos e culturais (Bourdieu, 2015) que essa experiência prévia possibilitou. Estando em vantagens para um possível engajamento com o esporte universitário e sendo elas desejadas pelas Atléticas, as entrevistadas relatam que o envolvimento inicial com o esporte universitário foi motivado tanto pelas suas especificidades atreladas à performance, ao jogar e ao desenvolvimento de habilidades esportivas, quanto por questões relacionadas à sociabilidade possível no associativismo dessa prática.

Assim, as mulheres participantes da pesquisa ingressaram na universidade e lá encontraram a prática do esporte universitário. O esporte universitário trazia para elas elementos já conhecidos e elementos novos. A novidade estava no fato de que na universidade, o esporte era realizado de forma mais autônoma, ou seja, elas escolhiam qual modalidade fazer, iam sozinhas para treinamentos que muitas vezes ocorrem na própria estrutura esportiva do campus, como também atuavam na gestão do esporte por meio de ações nas Associações Atléticas e Ligas esportivas. Portanto, agora são elas que assumem a responsabilidade por essa prática para seus cotidianos.

Associativismo e distinção

O associativismo realizado nas Associações Atléticas foi possível por um gosto pelos esportes que podemos considerar como sendo um gosto incorporado, ou seja, que já era parte das estruturas mentais e corporais das entrevistadas. Elas detalham que, tanto elas como as demais pessoas envolvidas tinham uma afinidade pelos esportes, e essa afinidade transbordava para outros aspectos, fortalecendo os laços. A experiência associativa nas Atléticas promoveu encontros, estabeleceu laços e amizades, e criou redes de relações.

Não é só o treino em si, é todo o relacionamento do time. Acho que isso, para mim, é o maior valor. Claro, você vê a sua evolução também no esporte, mas, para mim, o mais importante é o relacionamento com as pessoas. [...] Eu conheci várias pessoas que jogavam outros esportes, o pessoal do vôlei, do handebol, do futebol, basquete, mas eu acho até que foi mais pela atlética em si do que pelos treinos e jogos. Porque na atlética a gente, por ser na engenharia, tem a Liga das Engenharias e se encontrava para as discussões (Elaine, Engenheira).

O gosto pelo esporte atuou como *afinidade de estilo* entre agentes da mesma classe. Sendo o gosto um “operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos” (Bourdieu, 2015, p. 166).

Eu tenho várias amizades de turma que eu acabei aproximando mais na época por conta de atlética e que a gente não manteve só por conta disso, mas eu sei que tem essa afinidade. É até uma coisa que a gente

tem mais em comum. [...] Várias pessoas eu fui conhecendo. Muitos veteranos eu tenho contato até hoje e que o primeiro contato foi realmente via atlética mesmo, via arrecadação, via trabalhar na lojinha (Lívia, Médica).

Por meio do engajamento com as Atléticas, estudantes diferenciam-se formando o grupo daqueles(as) que inicialmente possuem em comum o capital cultural valorizado no esporte, um grupo de iguais, que se difere daqueles que não possuem.

Você via que normalmente eram as pessoas que mais bem se relacionavam com todo mundo, era a galera do esporte, a galera da Atlética, a galera que estava ligada com os esportes. Normalmente essas eram as pessoas que mais tinham contatos no círculo. Quando você olha para as outras pessoas da turma, era sempre aquele grupinho ali. [...] Você ia em alguma festa, algumas amigas falavam: 'Nossa! Você conhece muita gente, a gente não pode passar que você conhece alguém'. Mas era porque o esporte proporcionava isso, a própria Atlética proporcionava isso (Eliana, Engenheira).

Enquanto estudantes, elas encontravam maior satisfação com a vivência universitária e mais motivação para manterem-se vinculadas aos cursos de graduação justamente no convívio com as pessoas vinculadas às Atléticas. Dixon e Warner (2013) afirmam que são recorrentes os resultados que mostram o quanto é positivo esse sentimento de pertencimento através do esporte para a satisfação com a experiência universitária, o que também atua na promoção da motivação para obter o diploma e no desenvolvimento de habilidades psicossociais.

Essas experiências esportivas também proporcionaram o desenvolvimento de atributos que diferencia e qualifica profissionalmente as entrevistadas. A maioria delas manifestou o entendimento de que todas as pessoas tem a mesma formação acadêmica possibilitada pelas vivências dos currículos dos cursos, mas que o engajamento com o esporte universitário possibilitava uma diferenciação performance profissional e para o destaque em entrevistas para inserção na carreira. Suas trajetórias profissionais são marcadas por diversas barreiras pautadas no gênero e que foram construídas a partir da compreensão de que aquilo que pertence ao universo feminino é algo inferior e que deve ser anulado. Uma das formas que elas encontram para percorrer os labirintos profissionais (Eagly & Carli, 2014) e superar obstáculos foi em se aproximarem de comportamentos tidos como masculinos e/ou anular o que fazia parte um certo tipo feminilidade não valorizada naqueles contextos. Parte das entrevistadas descreve que foi nas experiências com o esporte universitário, especificamente

no treinamento, na competição e gestão esportiva, que elas conseguem desenvolver alguns dos atributos que as distancia da feminilidade não valorizada profissionalmente.

A carreira profissional delas também foi impactada pelo engajamento com o esporte universitário por meio das redes de contato produzidas na prática esportiva e na gestão. Por meio do engajamento com as Atléticas, estudantes diferenciam-se formando o grupo daqueles(as) que inicialmente possuem em comum o capital cultural valorizado no esporte, um grupo de iguais, que se difere daqueles que não possuem.

Você via que normalmente eram as pessoas que mais bem se relacionavam com todo mundo, era a galera do esporte, a galera da Atlética, a galera que estava ligada com os esportes. Normalmente essas eram as pessoas que mais tinham contatos no círculo. Quando você olha para as outras pessoas da turma, era sempre aquele grupinho ali. [...] Você ia em alguma festa, algumas amigas falavam: 'Nossa! Você conhece muita gente, a gente não pode passar que você conhece alguém'. Mas era porque o esporte proporcionava isso, a própria Atlética proporcionava isso (Eliana, Engenheira).

Enquanto estudantes, elas encontravam maior satisfação com a vivência universitária e mais motivação para manterem-se vinculadas aos cursos de graduação justamente no convívio com as pessoas vinculadas às Atléticas. Dixon e Warner (2013) afirmam que são recorrentes os resultados que mostram o quanto é positivo esse sentimento de pertencimento através do esporte para a satisfação com a experiência universitária, o que também atua na promoção da motivação para obter o diploma e no desenvolvimento de habilidades psicossociais.

Essas experiências esportivas também proporcionaram o desenvolvimento de atributos que diferencia e qualifica profissionalmente as entrevistadas. A maioria delas manifestou o entendimento de que todas as pessoas tem a mesma formação acadêmica possibilitada pelas vivências dos currículos dos cursos, mas que o engajamento com o esporte universitário possibilitava uma diferenciação performance profissional e para o destaque em entrevistas para inserção na carreira. Suas trajetórias profissionais são marcadas por diversas barreiras pautadas no gênero e que foram construídas a partir da compreensão de que aquilo que pertencente ao universo feminino é algo inferior e que deve ser anulado. Uma das formas que elas encontram para percorrer os labirintos profissionais (Eagly & Carli, 2014) e superar obstáculos foi em se aproximarem de comportamentos tidos como masculinos e/ou anular o que fazia parte um certo tipo feminilidade não valorizada naqueles contextos. Parte das entrevistadas descreve que foi nas experiências com o esporte universitário, especificamente

no treinamento, na competição e gestão esportiva, que elas conseguem desenvolver alguns dos atributos que as distancia da feminilidade não valorizada profissionalmente.

A carreira profissional delas também foi impactada pelo engajamento com o esporte universitário por meio das redes de contato produzidas na prática esportiva e na gestão das Atléticas e Ligas. Elas, enquanto recrutadoras, também valorizam candidatas(os) com essas experiências, mantendo um ciclo em que favorecem as contratações pelo princípio da similaridade pautado no engajamento nas Atléticas e Ligas.

Considerações finais

Compreender o esporte universitário na trajetórias de mulheres, especificamente dessas que fazem parte de um grupo que teve o esporte como uma possibilidade desde a infância, nos forneceu dados para compreender quais sentidos são atribuídos a prática esportiva para esse grupo, como se constituiu seus engajamentos esportivos e também como que o esporte se configura como um elemento que compõe o conjunto de práticas que promove a distinção de certas mulheres de certos grupos.

O gosto pelo esporte desenvolvido já na infância enquadró as entrevistadas em um grupo de mulheres praticantes de esportes, produziu nelas uma *hexis* corporal de esportista, com posturas, comportamentos e atributos incorporados por quem tem acesso a esse tipo de prática. Nas Atléticas e Ligas estavam pessoas que compartilhavam dos mesmos interesses pelo esporte, ou seja, pessoas que compartilham do esporte em seus *habitus*. Sendo assim, mesmo que elas já tivessem uma bagagem de aprendizados e experiências formativas com esporte prévias à universidade e que constituíram a incorporação do esporte em seus *habitus*, o contexto e as características próprias da experiência com o esporte na universidade possibilitaram que elas ampliassem e acrescentassem novas aprendizagens que influenciaram também o sistema de disposições que constitui esse *habitus* já instituído.

Ali nesses espaços, as entrevistadas tinham acesso a uma dimensão do esporte restrita a maioria das mulheres: a competição e a gestão. O esporte universitário, ao agregar essas mulheres como parte de um grupo com mesmos interesses e gostos, proporcionou também vantagens para ingresso e permanência profissional, sobretudo quando comparadas a outras mulheres que não tiveram as mesmas experiências. Nesse contexto, o engajamento delas com a prática esportiva universitária foi produzindo distinções enquanto esportistas, estudantes e profissionais.

Referências bibliográficas

Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaia.

Bourdieu, P. (2015). *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.

Butler, J.(2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; trad Renato Aguiar, 3a. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Eagly A & Carli, L(2014). Women and the labyrinth of leadership. *Harvard Business Review*, 85(9). Disponível em: <https://hbr.org/2007/09/women-and-the-labyrinth-of-leadership>.

Warner, S & Dion, M. A.(2013) Sports and Community on Campus: Constructing a Sports Experience That Matters. *JourNal of College Student Development*, 54 (3).